

De alto a baixo, um mestre

Peter Aspden



Um dos artistas mais caros do mundo, Jeff Koons faz suas obras transitarem da ingenuidade de Popeye ao sexo explícito e até imagina uma locomotiva em orgasmo, tudo com reconhecida habilidade para combinar transcendência e vulgaridade. Por Peter Aspden, do Financial Times

O céu de verão é tão inacreditavelmente azul sobre o centro de Londres e a temperatura tão excepcionalmente amigável que Jeff Koons quer comer ao ar livre. Assim, dispensamos os serviços de um restaurante e encomendamos uma espécie de piquenique, que vamos fazer no terraço da galeria Serpentine, no coração do Hyde Park, onde está sua exposição, "Popeye Series".

Há cadeiras, uma mesa e um guarda-sol já aberto, além de uma suntuosa e saudável refeição de verão que inclui berinjela assada, carne de vaca, perca do mar grelhada e salada de tomate. Temos um garçom à disposição. Peço uma taça de vinho branco e Koons, uma Diet Coke. A cena é estranhamente idílica, fora da visão do público, embora possamos ver o que se passa abaixo.

Koons está vestido impecavelmente, de terno e gravata, e com as unhas perfeitamente manicuradas. Ele ajeita a mesa, para que possamos ficar protegidos do sol. É educado e tem um ar infantil, parecendo muito mais novo que seus 54 anos, e irradia um tipo de charme inocente que me faz pensar em um filme de Frank Capra.

A vida de Koons não poderia estar melhor. Ele é um dos expoentes mais conhecidos da arte contemporânea. Compete, na medida em que recordes em leilões vão sendo quebrados, com Lucian Freud e Damien Hirst pelo título de artista vivo mais caro do mundo. Nos últimos anos, suas esculturas gigantescas e altamente polidas sobre temas aparentemente triviais balões, cães, golfinhos, coelhos encontram-se entre as obras de arte mais procuradas. Dois anos atrás, uma peça de sua série "Hanging Heart" (Coração Pendurado) um coração magenta esculpido em aço inoxidável e peso de 1.600 kg foi vendida na Sotheby's por US\$ 23,6 milhões.

A opinião dos críticos está dividida, para dizer o mínimo, em relação à obra de Koons. Ele é castigado pela aparência lisa e escorregadia de seus produtos, e pelas declarações pretensiosas que faz sobre eles; mas também é enaltecido pela inteligência na combinação dos efeitos monumentais da arte superior com os prazeres baratos das coisas banais. Ele tem, segundo o

experiente crítico Robert Hughes, "a segurança pegajosa... de um batista engomadinho vendendo terras pantanosas na Flórida". Mas até mesmo esse difamador-mor admite: "O resultado é que você não consegue imaginar a singularmente depravada cultura da América sem ele".

Na galeria, as pessoas movem-se com curiosidade pela nova exposição. Há esculturas em alumínio de brinquedos infláveis para piscinas, embaraçadas com latas de lixo e cadeiras de plástico, além das pinturas gigantescas de Popeye: telas impetuosas, em que o herói está cercado de muitos detalhes estranhos.

Percebo que os visitantes sorriem, especialmente quando param para estudar as esculturas, cativados pela ilusão de ótica que faz com que as peças de metal se pareçam com plástico inflável. Pergunto a uma funcionária da galeria se os visitantes tentam tocá-las. "Eu sinto vontade de toca-las", diz ela com um entusiasmo surpreendente. Não parece ser uma cultura depravada a que temos aqui; é como se um feitiço fosse lançado sobre nós e nos transformasse em crianças de cinco anos.

No terraço do primeiro piso, ao iniciarmos a refeição, relato minha observação a Koons. "Sabe, eu gosto de coisas infláveis", ele diz. "Uma lagosta inflável de brinquedo é uma coisa maravilhosa, transmite muito otimismo. Mas não dura. Um brinquedo desses em três meses está murcho. Sua forma será distorcida e eventualmente ele vai perder todo o ar. Portanto, a única maneira de preservar aquela impressão de otimismo e energia é transformá-lo em um material diferente." Ele faz isso soar como se estivesse prestando um serviço de utilidade pública.

Observo que a inocência da imagem esconde a maneira como seus "brinquedos" se confundem com outros objetos como cercas ou latas de lixo. Por que isso?

"Passei por uma situação envolvendo a guarda de meu filho Ludwig há alguns anos e resolvi fazer um conjunto de obras que tivessem objetos passando através de coisas, mas sem serem distorcidos. Quando você passa por uma dificuldade na vida, é importante que não fique traumatizado ou perca o rumo. Acredito em poder manter nossa energia vital em uma direção bastante otimista, não permitindo que o trauma se instale. Eu estava em Roma, vi uma árvore crescendo por entre uma cerca de arame trançado e me aproximei para observá-la. Então, pensei que poderia fazer essas coisas, e elas passariam através de outros objetos, mantendo seu curso, e eu continuaria otimista."

Ele conta isso com a fisionomia impassível e com uma sinceridade inequívoca. A sinceridade infantil das observações de Koons de fato faz crer que ele está lançando um feitiço. Após ouvir sua análise, sinto que não há nenhuma disjunção entre o mundo dos brinquedos de piscina infláveis e os sintomas de bem-estar espiritual. Uma lagosta falsa passa a simbolizar resistência mental, investida subitamente da seriedade moral de uma cena de crucificação.

Afinal de contas, a batalha pela guarda do filho foi bem palpável. Aconteceu após o fim do casamento de Koons, no começo da década de 1990, com Ilona Staller, La Cicciolina, a atriz pornô e política italiana, que fugiu para a Itália com o menino, hoje com 16 anos.

Esse trauma deve ter sido bem real, digo. Ele já pensou em tratar disso de uma maneira mais direta em sua arte?

Koons admite que a experiência o fez perder a fé na humanidade. "Quando vi que havia injustiças contra mim e meu filho, a única maneira que eu tinha de agüentar aquilo era me voltar para a minha arte, compartilhar minha posição moral com meu público, e levar ainda mais a sério minha habilidade de me comunicar com as pessoas. Saí da situação uma pessoa mais forte, um artista mais forte, um ser humano mais forte."

A exposição na galeria Serpentine não é a única presença significativa de Koons em Londres este ano. Uma exposição próxima na Tate Modern, "Pop Life: Art in a Material World", terá a série "Made in Heaven", formada por fotografias sexualmente explícitas que ele fez com sua ex-esposa e que escandalizaram a Bienal de Veneza, e o resto do mundo, em 1991.

A maioria de nós sentiria um pouco de vergonha em ter intimidades desse tipo lembradas, mas Koons não se sente encabulado. "Tenho muito orgulho daquele trabalho", diz. "Era sobre a remoção da culpa e da vergonha. Eu vi 'Expulsão do Jardim do Éden', de Masaccio, em Florença, e imediatamente percebi que gostaria de fazer uma obra que se situasse após a expulsão do paraíso, mas sem a culpa e a vergonha."

Isso significa que ele não acreditava no pecado original?

Não. A lição de "Made in Heaven" era de autoaceitação. "Se você não consegue se aceitar, como poderá conseguir qualquer tipo de transcendência? Você estará se afastando do conceito da vida e de como a vida funciona."

"Há uma obra, 'Ilona's Asshole', de que eu particularmente sempre gostei." (A fotografia mostra uma cena de penetração em detalhes.). "Ter confiança em se revelar tão intimamente, ficar tão à vontade com o próprio corpo, é algo maravilhoso", diz Koons.

Sua obra, ele afirma, é feita para todos. "Vi como obras de arte podem ser usadas contra as pessoas, como elas podem ser exigentes e intimidadoras, pela sugestão de que você não pode apreciá-las ou entendê-las, a menos que conheça literatura ou mitologia. Mas a arte tem a capacidade de conseguir o oposto absoluto disso."

"Mas sua arte também faz referências codificadas que não são entendidas por qualquer um", digo eu. "Até mesmo as aparentemente inocentes pinturas de 'Popeye' são cheias de referências a Andy Warhol e Cy Twombly."

Ele retruca: "Você não precisa de nada disso. O que me diverte e me interessa não é necessariamente o que interessa ao observador. As obras são totalmente abertas para o observador, e o convidam a entrar nelas. É um diálogo subconsciente que acontece, e a arte está acontecendo dentro delas. Tudo que é importante está acontecendo dentro delas."

Falamos sobre a obra mais famosa de Koons, "Puppy", uma escultura gigante de 13 metros de altura composta de 60 mil plantas e flores, atualmente instalada do lado de fora do Museu Guggenheim de Bilbao, na Espanha. Ele diz que a concebeu na Alemanha. Luís XIV estava em seu pensamento e ele se viu imaginando o que o Rei Sol pensaria se olhasse pela janela. "E pensei: talvez ele quisesse ver uma escultura de um filhote de cachorro feita de flores..."

"Espere aí", digo. "Por que Luís XIV iria querer ver uma escultura de um cachorrinho feita de flores?"

"Por que a questão mais profunda na arte é: você quer ser o servidor ou quer ser servido? Quando você tem um cachorrinho e chega em casa à noite, você olha para ele e diz: 'Pegue o jornal', ou 'Como vai, garoto?'"

A loquacidade de Koons significa que ele mal está tocando na comida. "Ela [a escultura] foi adotada pela população de Bilbao. Muitos casamentos acontecem ali. Ela levou muita alegria ao lugar. E outra coisa interessante, Peter, é que não pode ser plantada de maneira errada. Sessenta mil decisões tiveram que ser tomadas e todas tinham que estar certas."

Mas um cachorrinho é um cachorrinho. Pergunto como se sente em ter sua obra classificada de "kitsch", descrição à qual ele notoriamente se opõe.

"Quando você usa palavras como essa parece que as pessoas estão jogando tomates em mim. Essas palavras refletem segregação e julgamento, e eu não acredito em julgamento. Essas imagens e objetos são coisas que me despertam a curiosidade. Quando criança, eu era aberto a tudo e aceitava tudo. O estado mais alto da existência é a aceitação. Quando você segregava, cria uma hierarquia. Mas tudo tem sua própria beleza."

Koons já ganhou muito dinheiro vendo a beleza em tudo. Sua bem ensaiada reação ao fato de

suas obras alcançarem preços tão surpreendentes é que ele fica feliz por que suas obras serão cuidadas depois, "por que as pessoas tendem a proteger tudo aquilo por que pagam muito dinheiro". Além disso, ele diz que os valores econômicos "são um reflexo da maneira como você serve sua comunidade. Isso é uma honra para mim. Quando chegar uma hora em que minhas obras não forem vistas como significativas, tenho certeza de que esses valores vão mudar".

Ele próprio é um colecionador de arte, cuja maior parte está em sua casa, em Manhattan. "Poussin, Dali, Picasso, Magritte, Picabia. Algumas antiguidades egípcias. E Manet tenho o último nu significativo que Manet fez, em 1879. Essas são as coisas que têm significado para mim. Quando você acredita que algo é uma obra-prima, isso pode mudar sua vida e a maneira como você vê as coisas."

Ele fala apaixonadamente sobre um projeto futuro para o Museu de Arte do Condado de Los Angeles, no qual uma locomotiva será suspensa por um guindaste gigante. Ele descreve para mim: "Ela fará tudo que um trem faz choo, choo!, e depois irá ficando cada vez mais rápida, vai inalar e exalar e em seguida poderá se ouvir o barulho dos freios hsssss, e então whoo, whoo ela vai alcançar seu 'plateau' orgásmico..."

É um momento que lembra o filme "Harry e Sally: Feitos um para o Outro". Peço o mesmo que Koons (café). Digo que a peça me parece uma coisa triste, pois o trem na verdade não vai sair do lugar. "E também é uma tecnologia do passado", diz Koons.. "É bem um símbolo. Assim que você nasce, já faz parte do tempo. Você precisa ter consciência da própria mortalidade."

Já é hora de deixar o terraço. "Vivemos um grande momento para produzir arte?" pergunto. "É um grande momento para se estar vivo", responde Koons. (*Tradução de Mario Zamarian*)

ASPDEN, Peter. De alto a baixo, um mestre. **Eu & fim de semana**, São Paulo, ano 10, n. 466, p. 20-23, 18, 19 e 20 set. 2009.

A utilização deste artigo é ex